



DOS GIROS E PIRUETAS DE VOLTA AOS SOLAVANCOS E DESMONTES uma apresentação

*Paulina Maria Caon
Dirce Helena Benevides de Carvalho*

Primeiro quadro

O presente dossiê – *Desafios do fazer artístico na Educação Básica em tempos de diversidade e rupturas* – toma contornos de luta e resistência desde que nasce, como resultante de um curso de extensão e de um seminário, até que chega ao final de sua edição, em pleno dezembro de 2018.

Em dezembro de 2017, como encerramento do curso *Partilhas Teatrais em Extensão*, reunimos todxs xs artistas-docentes-pesquisadorxs convidadxs ao longo do curso no seminário *Desafios do fazer artístico na Educação Básica em tempos de diversidade e rupturas*, voltado para professorxs da Educação Básica em processo de formação contínua, seja pelo curso de extensão em que participavam, seja por serem estudantes do Curso de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Artes – Prof-Artes/UFU. O seminário estava pautado na noção de **encontro**, de troca dialógica, portanto, estava fundamentado naquilo que se torna acontecimento quando há mais de um pensamento em escuta, mais de uma perspectiva em debate. Encontro entre pessoas, entre afetos, entre corpos em experiência no mundo. Pessoas que se constituem e reconstituem enquanto aprendem umas com as outras a partir de suas distintas trajetórias sociais e corporais, mediadas pelo mundo que compartilhamos.

O encontro reafirmou a Pedagogia Teatral em seus preceitos, evidenciando as necessidades expressas pelos sujeitos artistas-pesquisadorxs, abrindo-se para a diversidade de temas no sentido de compartilhar experiências que atendessem às singularidades dos participantes, instaurando uma pedagogia do encontro. Nesse sentido, o Dossiê apresenta experiências do ensino de teatro realizadas no âmbito da Educação Básica ou da formação de professorxs de Teatro disseminando as

Artes Cênicas como área de conhecimento, considerando sua epistemologia e didática e apresentando os contornos sócio-culturais-políticos da atuação de docentes nos seus diferentes contextos de trabalho.

As experiências apresentadas no Dossiê demonstram uma diversidade de tipologias e de modos do fazer cênico, sinalizando perspectivas fundamentalmente ancoradas em proposições que suscitam a participação dos aprendizes a partir da escuta, da observação e da inventividade.

Assim, o compartilhamento de práticas cênicas apresentadas pelos professorxs-artistas-pesquisadorxs, em consonância com a cena contemporânea, inserem-se na esfera de uma construção sensível do conhecimento em arte, privilegiando diferentes modos do fazer cênico e, acima de tudo, assegurando a legitimação dos sujeitos-aprendizes em suas expressividades, arroladas, principalmente, pelo dupla experiência do pertencimento e do exercício de reconhecimento de alteridades.

Montagem

Sim! Não há neutralidade, não há conhecimento desenraizado da história daquelas que escolhe o que visibiliza, o que problematiza e o que descarta ou invisibiliza, de modo intencional ou não.

A palavra montagem nos reporta às construções, edições. São montagens que fazemos em movimentos, na modelagem de materialidades, na enunciação de ideias, construindo posicionamentos e história pessoal, coletiva, institucional. Como flashes dessas montagens e construções, presentes no seminário e exibidas em alguns dos textos desse dossiê, alguns aspectos nos parecem relevantes.

O primeiro deles, já anunciado nessa seção, é o papel da memória e da história pessoal na constituição de nosso trabalho docente. Ideia já debatida por autores com trajetória reconhecida no mundo acadêmico (Nóvoa, 2000; Josso, 2004), destaco dela a relevância da condição corporal de nossa existência, cujas memórias e experiências se constituem nos processos complexos que compõem essa corporalidade (Csordas, 2011; Aschieri, 2013).

Dentre os textos que se apresentam nesse dossiê alguns deles colocam esse aspecto em foco por meio do debate dos desafios da formação de professores em diferentes contextos, especialmente naqueles distantes dos supostos grandes centros do país e/ou por meio de programas como o PIBID. No mesmo sentido, a própria constituição de nossos *gestos docentes* é debatida na perspectiva da problematização dos processos de sua construção, mecanização e desmecanização.

No trabalho cotidiano dxs estudantes das licenciaturas, que observam outrxs professorxs em diferentes situações; de professorxs da Educação Básica, em busca de construir com seus estudantes processos significativos; de professorxs do Ensino Superior, no debate e observação cotidiana dxs estudantes em formação, a escuta e o olhar atento, com traços antropológicos, veem à tona como ações estruturantes de seu ofício. Tais ações desses diferentes sujeitos se espelham mutuamente ao longo dos processos formativos e autoformativos na escola ou na universidade. Escuta atenta, olhar aberto às diferenças, assimetrias, tensões e empatias que atravessam os processos de ensino e de aprendizagem. Escutar, observar e agir a partir deles são tomados pelos autores deste dossiê como ações constituintes do ser docente, praticadas e refinadas na trajetória singular de cada pessoa.

Nesse sentido, portanto, a diversidade dos encontros, o trabalho em campo – em estágios, em projetos, em viagens, em contextos diversos no mundo –, para além das salas de aula da universidade, são fundamentais nessa formação de professorxs. É no corpo a corpo com os Outros e com o mundo que as diferenças emergem. Elas se fazem, no cotidiano da vida, vórtices, propulsores, trampolins para ampliação de visões de mundo, para a fricção entre sentidos dados à vida e à experiência. Esse se torna o segundo aspecto relevante, nascido de nossas trocas e presente em muitos textos que compõem o dossiê. Colocar os pés para fora de nossos mundos conhecidos, habitar outros mundos como modo de se reconstruir cotidianamente, ampliando visões acerca deles, emerge em diferentes textos: pelo uso de práticas performativas no espaço urbano nos processos de formação de

estudantes da escola básica ou das licenciaturas; pela escuta das performatividades e narrativas protagonizadas por crianças em suas experiências escolares cotidianas; pela abertura de docentes aos diversos Outros em contextos como escolas periféricas, aldeias indígenas e diferentes regiões do país.

O último elemento a destacar é, por fim, a experiência sensorial-estética como elemento transformador dessa abertura ao mundo, ao Outro e à diferença. Nesse sentido, alguns textos trazem desde o exame da potência cognitiva estruturante da experiência teatral passando por diferentes modos de abordar as diferentes faixas etárias, os corpos e projetos artísticos no trabalho cotidiano com o fazer artístico. Como criadorxs reunidos em torno da potência dos fazeres artísticos nos processos de educação, trouxemos à tona a especificidade dessa experiência em nossa formação como pessoas-professorxs e em nossa atuação, seja na escola básica, seja na universidade. Trata-se de reafirmar tanto a dimensão sensorial da experiência estética, como também o caráter de acontecimento e o potencial disruptivo do fazer artístico no contexto da escola básica.

Desmontes

Dentre tantas trocas estabelecidas, uma sensação atravessava os diálogos: parecia haver na força de nossos debates, nos afetos presentes entre nossos olhares e na potência das ideias emergentes um chamado (uma convocação? – como um de nós levantou) a renovar os votos como artistas-professorxs-pesquisadorxs em nossos diferentes contextos de atuação.

Os afetos oriundos dos interstícios criados nos compartilhamentos em nosso encontro evidenciaram nossas humanidades, favorecendo uma experiência pautada em na empatia e na troca, para além das relações vigentes no sistema.

A escuta para os posicionamentos éticos, artísticos e políticos, em discursos oriundos das biografias individuais, corroboraram diretamente nas receptividades, criando em nós a necessidade de manter estes espaços de encontros à revelia de sua institucionalização, produzindo novas

significações na formação de artistas-pesquisadorxs-docentes, e, acima de tudo, no pertencimento a esse círculo de afetos e práticas que se entrelaçam mesmo que atuemos em diferentes localidades do país.

Corte seco.

28 de outubro de 2018. Novo presidente eleito. Ao longo do mês de novembro: anuncia-se que a educação superior passará do Ministério da Educação para o Ministério da Ciência e Tecnologia. Anuncia-se que as universidades poderão vir a cobrar mensalidades. A Educação Básica é afirmada pelo futuro presidente como esfera da *instrução* em oposição à *cooptação ideológica*¹. Nada é certo. Mas a sensação de desmonte e retrocesso dos pequenos passos que vinham sendo dados nas políticas públicas para nossa área de conhecimento é forte.

Mais do que nunca aquela renovação de votos como professorxs-artistas-pesquisadorxs parece ser necessária. Mais do que nunca a singeleza do sentar-se em círculo para escutar o Outro e falar **com** Ele se torna precioso. Agir no mundo como professorxs e artistas se reafirma como contorno fundamental em nossa humanidade, atualizada em cada voz que se faz presença e manifesta nosso direito de ocupar um lugar no mundo e elaborar distintas visões sobre ele.

* * *

CRÉDITOS

ASCHIERI, Patricia. Hacia una etnografía encarnada: la corporalidad del etnógrafo/a como dato en la investigación. **Anales de la X RAM – Reunión de Antropología del Mercosur – situar, actuar e imaginar antropología desde el Cono Sur**. Córdoba – Argentina, 2013.

CSORDAS, Thomas J. Modos Somáticos de Atención. In: CITRO, Silvia (coord.), **Cuerpos**

¹ Entrevista realizada pela R7: <https://noticias.r7.com/brasil/videos/bolsonaro-fala-de-propostas-para-saude-e-educacao-01112017>, acesso em 12 de dezembro de 2018.

Plurales. Antropología de y desde los cuerpos. Buenos Aires, Biblos, 2011, p. 83-104.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiência de Vida e Formação.** SP: Cortez, 2004.

NÓVOA, Antônio (org.). **Vidas de Professores.** Portugal: Porto Editora, 2000.